



eu desvalorizei as paredes

— poesia livre —

ALAN MENDONÇA
ALVES DE AQUINO
BRUNO PAULINO
CARLOS NÓBREGA
DAUANA VALE
DÉRCIO BRAÚNA
LÉO PRUDÊNCIO
MAILSON FURTADO
RENATO PESSOA
ROSA MORENA
VITÓRIA ANDRADE
YASMIN MAIA



— esta é uma poética livre

capa:

a partir de *Auto-Portraits*, fotografia de Kily Thompson
[imagem disponível em: <https://imgur.com/315Mx>]

eu desvalorizei as paredes

— poesia livre —

ALAN MENDONÇA
ALVES DE AQUINO
BRUNO PAULINO
CARLOS NÓBREGA
DAUANA VALE
DÉRCIO BRAÚNA
LÉO PRUDÊNCIO
MAILSON FURTADO
RENATO PESSOA
ROSA MORENA
VITÓRIA ANDRADE
YASMIN MAIA

Foi o Ho Chi Minh [1890-1969], o revolucionário vietnamita, o presidente do Vietnã, que esteve preso e escreveu na prisão belíssimos poemas de amor, cheios de ternura, da mais fina ternura. E quando perguntaram como ele foi capaz de produzir essa obra em uma condição tão sofrida na prisão, ele respondeu uma coisa que, para mim, é uma espécie de sentença. Ele disse: “Eu desvalorizei as paredes”. No fundo, eu acho que escrevemos para desvalorizar as paredes.

MIA COUTO

[entrevista ao programa Roda Viva, TV Cultura, 10/07/2007]

SOBRE PAREDES E AFETOS: UMAS PALAVRAS

Estamos entre paredes, guardados. Estamos defesos de toda proximatura. Estamos em asseio de nossos corpos, lavados de nossos escambos, de tudo quanto se suja do viver que era, antes, ordinário.

Pois que tudo se desordenou. Convocam-se paredes que nos guardem do medo, do ágio do contágio, das improvisórias perdas.

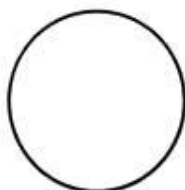
Estamos fechados, entre paredes. À espera.

Mas estamos mais. Estamos religados; errantes-passantes por outros tráfegos, por outras vias.

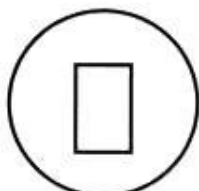
E temos a palavra. Palavra para dizer da necessidade de *desvalorizarmos* as paredes. Não as que nos guardam são (tão precisadas, agora), mas as que, na liberdade de antes, nos prendiam em tantas inumanias.

As palavras que aqui se abraçam e se ofertam querem ser mesmo isso: uma deslegitimação do que prende, um abrigo de afetos enquanto seguimos à espera.

SOLITARIEDADE



SÓ



SÓLIDO



SOLIDÃO



SÓ LIDA



SOLIDAR



SOLIDARIED



SOLIDARIEDADE

A FABRICAÇÃO SILENCIOSA DOS AFETOS

Existir não é da ordem dos cálculos.
O tempo que testemunha uma vida
(perdoem-me os doutos senhores biólogos)
é feitiço da poesia.

Que é, senão poesia,
essa imensa memória da pele,
das mãos gastadas
na fabricação silenciosa dos afetos?

Mãe

A terra engravidou de homens
Os homens engravidaram ideias
Ideias engravidaram-se de poder
O poder apoderou-se da terra
A terra consumida chorou
O ventre arrependeu-se de homens.

QUANDO NO OLHO PALPITA O PRESSÁGIO DA FÚRIA

sinto que o poema começa quando no olho palpita o presságio da fúria. quando no estômago um feto ácido aperta o tecido da náusea. sinto que o poema começa quando da boca a palavra tem a cor do lodo. quando o amor é virose. sinto que o poema começa quando as janelas não se abrem. quando o trigo é escasso na lacuna dos olhos. sinto que o poema começa quando chove ao meio-dia. quando sonho com calendários. quando a comida interrompe o prato. sinto que o poema começa quando vejo um cão lambendo a própria morte. quando miro um menino no deserto amarelo do dente. sinto que o poema começa quando emolduro meus equívocos. quando atravesso a pulsão sem guarda-chuva. sinto que o poema começa quando das mãos tiro um fóssil de uma borboleta. quando de minha garganta canções de gelo se anunciam. sinto que o poema começa quando migro um pássaro engaiolado.

balbucio de heráclito

O que fui ontem
reinventei hoje

Ontem chorei a dor de uma perda
Hoje entendi que o coração
precisa despedir-se de outros corações

Ontem as minhas lágrimas
expeliram líquidos substancialmente danosos
à minha pele interna

A externa estava sendo regada
com um rio

Hoje percebi que o rio precisa desaguar
e percebi
diante das flores que saíam dos meus poros
que minha enchente salva

Ontem eu odiava a cor amarela
Hoje,
olhando para cima
entre as asas de um pássaro e outro
agradeço à luz amarelada que me permite ver a beleza minha
e dos outros

Ontem falei para o espelho
que nunca mais tropeçaria na mesma pedra
Hoje entendi que meu reflexo não me obedeceria
[tão facilmente

Ontem o meu gozo atravessou as paredes do quarto
Hoje vi os azulejos tremerem
Ontem eu precisei ser outro alguém
Hoje eu fui e não gostei
Ontem quis ser uma
Hoje sou várias
E amanhã já não entrarei no mesmo rio

– alusão –

também tenho minhas quintanas pra contar
minhas bandeiras a defender
minhas andrades a desvendar

tenho todos os poetas do mundo em mim

até os que não conheço

até meus vizinhos do atraso contemporâneo

e até mesmo aquele homem
que passa na rua
olhando pra lua
no espelho do asfalto

[do livro *varandas*, 2004]

dejà vu

um poema novo
para um sentimento antigo
pouco mais que vinte palavras
girando ao redor do sol
do mesmo sol
sozinho

LIÇÃO DE ECONOMIA

O único mercado sem crise é o da angústia

AGORA E NA HORA DA NOSSAMORTE AMÉM

Talvez a tristeza seja só uma estética
literária

E a felicidade, uma certa covardia
pois a vida em si não precisa delas.

Quanto à morte:

A morte é um substantivo concreto

E nós, os seus adjetivos tristes,
termos acessórios da oração.

Os pássaros – [excerto III]

queria ser um pássaro
e cagar (sem querer?)
na cabeça do presidente

eu diria:

– foi acidente de percurso

ele sem entender a linguagem dos pássaros

xingaria:

– *&%#@

e da sacada me aplaudiriam:

clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap
clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap
clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap
clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap
clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap
clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap clap
clap clap clap clap clap clap ∞

[de um março de 2020]

à rua tudo parecia ontem
e já era noite mesmo sem bom dias

a rua brincou de chuva
brincou de vento
coleccionou voos de passarinhos
brincou de apanhar folhas
já sem com vassouras valsar

suja de olhares
de vontade
corre rua dum lado pro outro
(e lateja e palpita e implica e)
brinca de cabra cega
vai de esquina à esquina
a procurar o esconde
e se esconde

tudo é tão cá
tudo distante

no calendário - dias já usados -
entulho de presente/de futuro
mais um amanhã repetido
a madrugada antes do sono
tempo pela metade do preço
(quede espaço pra usar?)

e vai a rua

A dor

Eu queria transformar
Toda dor em poesia
Arrancando do peito o verso
E vomitando a agonia
Palavras entrando dor
E saindo poesia.

A RAINHA DA MENTIRA

Quatro e quatorze,
liguei, disse te amo,
como todas as vezes
parecia o automático des-pedir.
Disse que ia, fui.
É rapidinho, amor, volto logo, resolvo sim, pode deixar.
Um pulo em Salvador, sozinha, claro, é tudo trabalho, juro.
E era. Mas o meu trabalho morava no âmbito da alegria.
E da cerveja, doses de cachaça, da gargalhada alta,
incomodava o meu amor.
Não me cansava e não contava as horas pra voltar pra casa.
As crianças vão amar um final de semana contigo, meu bem,
sim.
Vou e volto – eu não voltava, mas dizia que voltava.
Dizia que amava, que eram meu tudo.
E era. Mas não era.
Metade.

Te amo, amo, mas não apenas.

Volto logo, é só uma reunião. Claro! Trago, sim.
Ah! Vai ser ótimo, nós dois.
Mentira. Assistir série, ombro, companhia, não te
largo, mas nunca mais do que a metade.
Se eu te contar, não vais querer-me, lhe perderia amor
da minha vida.

Não, não. Foram só dois olhares.
Mas querer é negócio sem chave para desviar.

– a flor descalça dos pés de jambo –

o desespero se vê no espelho do jornal amanhecido,
velho como convém a um jornal de hoje;
(o desespero banhado e engomado
na fila do pãozinho da padaria...)

e ratos cruzam a rua cansados da noite.

cobertas e marquises se entregam ao sol...
é mais um dia na cidade sem memória.

(...)

os guardas apitam a ordem
e esquecem do amor diário...
e acreditam que controlam alguma coisa
além do descontrole das baratas nos bueiros...

os coronéis mandam por esporas os seus desmandos
e empurram no público seus parentes,
seus sexos
e seus amigos poeirentos de branco,
brancos...

e alguns bobos da corte vendem caro sua baba
e seu silêncio...

os ônibus enlatam gentes
vendas (há muito)
ao forasteiro vendedor de inglês.

e eu fiquei a vender sonhos, salgados sonhos que envelheceram
na prateleira... e deus já mudou de nome bem umas três
vezes...

na cidade, há placas que anunciam o futuro como se o futuro
rompesse o asfalto estrangeiro e tivesse algum futuro sobre o
que anda fazendo da vida...
e eu só queria voltar a andar descalço debaixo dos pés de jambo
e imaginar que alguma flor rompesse do muro do terreno
baldio defronte a minha casa,
mas arrendaram o dono do terreno e determinaram a ele que o
futuro não tem flor...

porque o dono do bosque não sabia
(até pensei...)

(...)

e eu guardei a flor que pude no bolso
e, algum dia,
a darei à menina que amei...

(se eu lembrar seu nome...)

[do livro *flor de resistência*, 2020]

cantada para à cidade
(*a mailson furtado*)

é como se *à cidade* também fosse minha:
os doidos, os cachorros e o meu avô que não ri

é como se o araras fosse o açude daqui:
os peixes, as invernadas e os bem-te-vis

é como se *à cidade*
sem projeção de arquitetos
pulsando nos versos
fosse bem maior que a minha vista
imensa como o sertão

[sem título]

tarde de domingo
cotovelos à janela
o sol antes da hora se esconde
dentro da torre da capela
um pedinte deixa o canto
lotado àquela fresta
o relógio engole as horas
o sol adentra a terra
noutra rua outras vidas
emburacam a vida nelas

HABITAÇÃO E PORFIA

Habitamos este tempo:

somos

sob sua arquitetura

esta delicadeza e este mal

que erguem alteados templos

com pedras frágeis de memória

sob as quais

a pequena história de cada um

porfia

*desmentindo a grande história do todo.**

[* Márcio-André, *Poemas apócrifos de Paul Valéry traduzidos por Márcio-André*]

eros

es

fimdecaso

ISTO NÃO É UM POEMA

um poeta do século XXI,
dentro de um coletivo, preso entre avenidas,
ruas e favelas pode dizer sobre a morte?
o que pode um poeta vestindo jeans,
de all star, com camisa puída
pensar sobre o amor? um poeta
periférico, negro e nordestino
o que pode falar em vernáculos de camões?

é maio de 2019 e trago no bolso
um segredo suicida. atravesso a rua major facundo
e entro na praça do ferreira. procuro
mário gomes. mas mário gomes está morto.
procuro o café java. mas o café java
não existe mais. eu não atirei em rimbaud,
não escrevi manifesto futurista,
não transei com prostitutas sífilíticas
dos guetos do século XIX, não lutei
contra o imperialismo
não escrevi cartilhas de guerrilheiros.

e terroristas explodem o mundo,
na tv, o fascismo vence eleições,
e há armas e feminicídios, e há
transfobia, morre uma, duas
e centenas de dandaras. homens
e mulheres matam em nome de deus.
outros homens e outras mulheres

famintos nas portas dos shoppings. .
nas periferias há polícia
e fome. há o senhor josé da silva,
que pega o ônibus às 5h
da manhã, leva a marmita
e os olhos secos. e há a maria
de fátima, cozinheira, espremida
nos metrô, cria os filhos sozinha
e sonha estudar direito. o joel
é gay e apanhou na rua. há luzes
e bares. e o mesmo calor de metal,
o suor de alumínio nos campos de terra,
nas quadras, nos becos. as motos
e os tiros, as drogas e as traições,
refazem os horizontes amarelos
das periferias. não adianta
o senhor prefeito, não adianta
o senhor deputado, as promessas,
os bueiros e os esgotos se desfazem.

ainda há tempo para a poesia?
pergunto-me sem pressa. onde
está o grande poeta do meu tempo?
as epopeias, os autos, os conluios
políticos? de que matéria refaz-se
os aspirais da esperança?

o mundo é velho. e velhas são
todas as palavras. as esperanças
e as janelas estão velhas. o que pode

um poeta urbano em 2019 ainda
dizer sobre o mundo? o mundo
é velho com seus vestígios paleolíticos,
e suas classes, e as guerras,
e os escravos ainda muitos.

o mundo é velho
e vai acabar. e eu não tenho
poema nenhum contra
o fim do mundo.
e mesmo que tivesse
as palavras, todas elas,
mentem.

NÃO ME OLHO NO ESPELHO

Tô sempre atrasada. Hoje não é diferente. Levanto correndo na tarde de sábado. Ligo a TV porque quero ouvir vozes. Tomo banho, mas não lavo o cabelo. Faço o coque de sempre. Cato uma roupa qualquer: saia xadrez e camiseta branca. Minha mãe vivia dizendo para eu usar saia porque de calça eu parecia um menino. Foi tão marcante que até hoje me pega. Pior mesmo era quando ela dizia para eu passar batom, porque mulher sem batom, não era uma mulher de verdade. Minha tia também dizia isso. Não gosto de batom, sou menos mulher? Eu só tinha quatorze anos. Uns bons anos se passaram e eu ainda estou juntando as peças.

Ao menos calço a sandália que me deixa grande. Preciso estar maior do que o fora que levei ontem do Victor, o gato mais gato, que pensei que estava na minha. Pensei. Passo pela sala, pego minha bolsa esparramada no sofá, desligo a TV. Saio de casa como um raio. *Make* no carro, no primeiro sinal. *Make* é elogio, rolou mesmo só corretivo e uns apertos na bochecha pra dar uma corzinha. Chego ao churrasco do Dani e vejo muita gente. Danço. Bebo na companhia de pessoas queridas e outras nem tanto. Anita, amiga da vida não está aqui, deve ter recaído aos apelos do namorado, que insiste em diminuí-la. Tá, eu sei, estamos todas e todos aprendendo a ser feministas. Ok! Não é simples. Já tive um lance parecido, já aceitei um convite para me quebrar inteira junto com o outro lá. Fui e quase não voltei. E minha mãe falava que mulher que se preza tinha que aguentar firme, o que fosse. O celular já está descarregado. Não faz falta, eu não sou do tipo que faz foto, muito menos que checa mensagens enquanto há samba e

cerveja gelada. Sou uma das últimas a sair. Esqueci minhas sandálias lá no Dani.

* * *

Ah, domingo. Hoje não estou exatamente atrasada, simplesmente perdi o almoço com meu pai. Já era. O bom é que eu não vou escutar a pergunta cafona sobre quando irei me casar, encontrar um noivo. Olho para o lado e vejo uma lata de chocolates, que trago pra perto. Coloco o celular pra carregar e quando ele dá os primeiros sinais de vida corro pro Instagram. Estou marcada em *feeds* e *stories*. Um susto. Na verdade, surto! Quem mandou sair de casa com aquela cara de sempre? Nem um olho decente eu fiz. E aquele cabelo? Sem corte, sem cor, sem brilho. Preso como o meu sorriso. Vou até o banheiro, onde há o único espelho da casa. Era minúsculo, mas deu para visualizar meu rosto. Três minirugas, sobrelhas tortas, um sinal abaixo do olho esquerdo que eu nunca tinha percebido. Vejo também meu nariz maior do que eu pensava que era. Se tivesse ouvido minha mãe...ela bem que dizia que uma mulher tem que se olhar no espelho. Preciso escolher novas calças e outra cor para o cabelo.

breviário de um romeiro

quando meu padim morreu se ouviu seu último suspiro a léguas de distância. nesse dia a terra do juazeiro não tremeu. nem se abriram fendas de um canto a outro. apenas silêncio. os insetos que de silêncio entendem melhor que nós pararam seus afazeres. minha avó conta que uma árvore seca de verão aflorou no mesmo instante e que pássaros não voaram nesse dia. diz-se que o dia foi mais longo que o comum dos dias e que algumas carnaúbas do sertão caminharam três centímetros na mesma direção à casa onde meu padim padeceu. nesse instante o silêncio dos peixes era mais audível por toda região do baixo jaguaribe e as galinhas não puseram ovos nesse mesmo dia. era vinte de julho do ano de trinta e quatro. ele já estava cego. e nós também cegámos no mesmo instante por uns três ou quatro segundos cegamos todos do cariri. fazíamos nossa peregrinação à última visão do padim. não havia uma cor definida no céu nesse segundo em que ele expirou. foi tudo rápido, ainda lembro.

Andarilho

Ando no apressado do mundo
Um grito que me tange subverte o ritmo
Com que enfrento o cotidiano
A rua nunca dorme isso me assusta
Tudo me ocorre inclusive uma esperança
Adiante, um homem vende discurso
Aproximo-me e escolho em preto e branco
Um olhar de afeto azul soa, diminuindo os barulhos
Transito em liberdade, mas um sinal me estaciona.

ruído que corrói

o agudo dos dias
do ruído da vida
dos prantos desesperados
que não sei mais onde guardar

o escorrer do café pela garganta
menos amargo que as aflições enraizadas

o medo constante
das feridas infecciosas
do existir

a morte inesperada de um felino
a poluição dos mares, ares e corações
a mágica condenada

a arte censurada
a bala em uma pele preta
notícias que esmorecem
cabelos queimados pelo medo
árvores caídas
e o verde virando cinza

tudo dói
tudo grita

DETESTO

o objeto projétil

metais e gritos compõem as balas
e cada uma é um projeto
de morte
que literalmente se executa.

PÁ RIA




NOTÍCIAS DO MARAVILHOSO IMPÉRIO FÉZICO

E na quarta-feira
as cinzas trazem notícias
do Império:
no Palácio,
Sua Majestade dispara convocatórias aos centuriões;
prepara as mãos (polegar, indicador
mirando a cabecinha)
para alvejar, sorrindo, qualquer pregador nazareno.

Da sacada, espia o pasto.
Declara ao escriba-mor
(que tome nota e dê proclamação):
– O Império está abastecido.
Não teremos falta.
Abunda o gado imperial.

Ao lado, Apeles pinta a gloriosa cena:
Sua Majestade, a sacada, o pasto, o gado.
Só não a arreganhada boca
(caprina colostômica)
depois do (sulfuroso) peido
que fez (faz) feder (apodrecer) todo o Império.

B  *é meus* **Z** 

Medo

Não o assustava o grito absurdo
Do vento em preparo de vendavais
Não o assustava o pio desesperado de rasgas mortaldas
Em noites escuras sem luar
Não o assustava o silêncio vazio das catacumbas
Após o enterro derradeiro
Não o assustava o farfalhar das folhas
Nas madrugadas frias de inverno
Não o assustava o grito de buzinas
Estremecendo avenidas corrompidas ao meio-dia
Só o assustava o bramido de homens
Engomados de poder.

Bagagem de dores

É tão difícil tentar tantas vezes
E sempre dar de cara com o chão
Quebrar o coração em pedaços
Estilhaços
Mesmo sabendo que para tudo tem uma razão

Tenho uma bagagem de dores
Que ficaram impregnadas na pele
Às vezes aparecem para me rasgar inteira
Desfigurar
Fazer com que eu não me reconheça
O vazio pesa
Divido essa carga com a escrita
Não é o bastante para arrancar o sofrimento do corpo
Mas é o bastante para me manter viva
E assim convivo com a dor
Transformando-a em quem sou.

- tédio -

tudo...

...como um dia...

...após o outro

[do livro *angústias, álcool e cheiro de cigarro*, 2006]

página em branco

“foi por ti que desfolhei a chuva”
é um verso do mia couto
que descaradamente
roubei pra te dizer
o que eu não sei dizer

IDA E VOLTA

Cientistas dizem que alguns macacos
já estão chegando à idade da pedra.
Somos primos, somos primatas...
Também diria
que já iniciamos nossa volta para lá.

**[to be or not to be:
that is the question]**

o menino perguntou ao pai:

- os cachorros viram latas?

o pai não soube responder

[nunca havia pensado nisso]

- papai, os meninos viram latas?

- ah filho, depende...

o menino saiu encucado

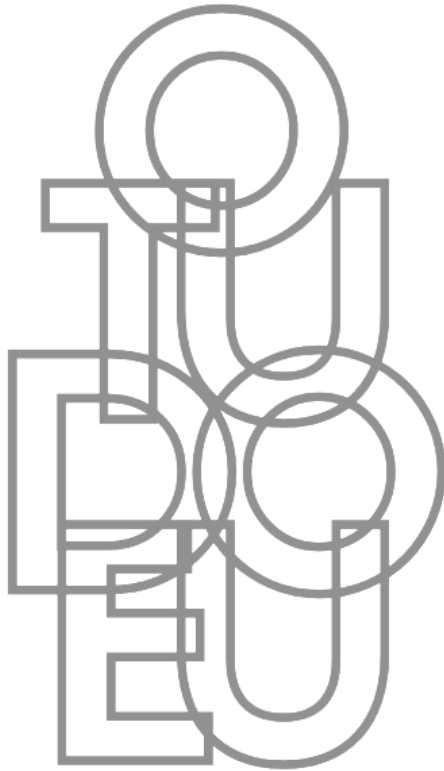
não sabia se seria bom ou não

ser o robocop

no mesmo canto

a virar latas de refrigerantes

o pai filosofava sobre



hagiografia

te abroquelar
igual santo antônio
com menino jesus nos braços

DERIVA PARA LER UIVANDO

de repente às 18h eu atravesso a avenida
e meu corpo passa entre carros
e do outro lado homens e mulheres se estranham
e a vida atropela-se na urgência
dos concretos e das latarias e eu penso
que em algum lugar uma pessoa decidida
olha fixamente o mar e uma criança nasce
e um amante está gozando e uma senhora
idosa chora a saudade dos seus mortos e eu
então paro em alguma calçada e olho
as horas mas os ventos cessaram e faz calor
e a mulher que amo está chupando outro homem
agora e o poema que deixei para hoje não
lateja e é inútil ler hegel ou descartes
a razão é uma senhora muito triste que odeia
poetas e homens tristes melhor eu pegar o
primeiro ônibus e dizer ô seu motorista
para aonde está indo a minha vida?

Itinerário das feiticeiras

em minhas veias percorrem o desejo indomável e fascinante de querer sentir todas as emoções que me façam estremecer. tenho, em meu existir, a delicadeza de uma pétala e a rigidez de uma rocha. sou a própria feiticeira que joga feitiços em mim mesma. estou hipnotizada pela imensidão que anseio trilhar com o vigir das minhas pernas. a bruxa que habita no meu interior, queima com o calor da minha vida. sim, ela queima e continua viva. reparo nos detalhes do timbre de quem compartilho o espaço, e espero, sempre ansiosa, pelo som do riso. eu toco em corpos e sinto as partes frias e quentes. se está muito fria, convido para tomar um café que fica perto do rio onde costumo escrever meus devaneios. se está quente, pergunto se suporta sentir o meu calor. é que de frio já basta o inverno que nos deixa reclusos e desatenciosos para as faíscas instigantes dos dias. ao deitar-me, meu travesseiro escuta todos os segredos que minha mente murmura. ainda não encontrei alguém tão confiável quanto meu travesseiro. na verdade, costumo conversar e voar com os pássaros que pousam em meu quintal. todas as manhãs eles cantam em minha janela e levantam as minhas pálpebras. às vezes, a minha imaginação me assusta. penso muito, examino as possibilidades, me vejo em outra dimensão, com outro corte de cabelo, tendo animais como filhos e viajando pelo mundo deitada e despida nas nuvens. me imagino parindo estrelas e sangrando o vermelho do tinto. me imagino bebendo a água de Marte e saltando de todos os degraus existentes. choro quando não consigo ver o pôr do sol de perto. sofro quando vejo alguém ignorando a beleza dele. esperneio ao saber que há pessoas morrendo à luz do sol. quando dei meu primeiro beijo,

achei estranho ter outra boca encostada na minha. quando conheci meu primeiro amor, sua boca transformou-se em meu lar.

outro dia, ajudei uma velhinha a atravessar a rua. suas mãos, tão enrugadas, me seguraram com tanta força que a marca de seus dedos ficaram gravadas em minha pele. ao chegar no outro lado, falou-me que meu braço a impediu de morrer em um asfalto quente. disse-me, também, que segurou com pujança porque suas mãos eram das poucas coisas que ainda possuía firmeza. os meus braços a envolveram e consegui sentir as lutas que já enfrentara. já percebi que meus passos são atraídos por palavras que me deixam sem palavras. meus passos são atraídos por abraços que protegem e por vidas que vivem o viver. sou atraída pelo tudo.

castigo

te perder
doeu muito mais
que as pias de cinturão
que mamãe me dava
sem eu ter feito malinação
nenhuma para merecer

[sem título]

a amor:

é uma falta que me completa

uma falta que não me cabe

um por acaso que me declina

um afeto que me afeta

um não ficar em si

a amar:

é se desprender de si e do outro

é se reconhecer como o menor dos seres

é ampliar a solidão que há em si

é o amor que primavera em mim

e enquanto a amo é que existo

– leão –

e se olha o homem no drama
onde tudo são cílios e plateias
para o centro de universos minúsculos
binóculos de elogios e vaidades
frasco de sol, fresta de fogo
persona de teias e teimas
o amor e o espelho, o rei e o indivíduo
arquétipo do eterno infinito
coração no dente do umbigo

(poema musicado por liduíno pitombeira)
[do livro *de peixes e aquários*, 2015]

o amor nos tempos do cólera

outra vez despertou
atônito
febril

tinha sonhado à noite
com amêndoas
e amores passados
em papéis que voam
com tinta nanquim
escreveu mais uma carta
para destinatário incerto

há cinquenta anos
– religiosamente –
cumpria o rito

AÉPICO

O que pode
o homem contra a morte
senão não matar?

Como pode meu deus
alguém que faz a bomba
sentir nojo de fezes?

MÃE, ME OUVE.

Já faz tempo que não conversamos. Não recordo a última vez que ficamos só nós duas, ao som das nossas palavras e risadas e protestos. Desde que fiz dezenove anos falo pelos cotovelos e nossa disputa pela palavra chega a ser engraçada. A pauta não tem fim, nem à mesa do café, que vira chá, que termina em sorvete.

Faz tempo que nos resumimos às mensagens de texto e aos áudios daquele aplicativo que nos consome. Como pode a gente dar tanto cabimento a ele? Muito mais do que a nós? Esse nós que é tão forte, de tantas histórias. De tantos carnavais. Pergunta técnica: por que paramos de celebrar o carnaval? Onde está morando nossa alegria?

Eu sei, vamos culpar o tempo corrido. As viagens. Nossos trabalhos e maridos. A chegada das crianças. Elas correm para ti e somem pela casa, fico sem abraço. Lá pras tantas: “oi, filha”, e eu tenho que responder e-mails.

Você me disse que havia emagrecido, mas não levei a sério. Imaginei que seria um ou dois quilos que vez ou outra dão um tempo, daí te encontrei na Páscoa, te abracei, teu pescoço fino e olhar diferente, cansado talvez. E depois vieram os exames, você precisa de cuidados, você tem sessenta e quatro anos, dos quais, cinquenta foram de trabalho duro. Não há tantas rugas porque tua pele é incrivelmente macia, e por isso não me toquei que o tempo havia passado também para ti.

Mãe, me ouve, quero te encontrar. Olhar para nós. Nós duas, esse mundo que criamos juntas. Quero te encontrar para potencializar meu desejo pela vida.

Mãe.

Mãe, me ouve. Você ainda está aí?

Mãe?

O QUE SE DEIXA

Teremos aprendido com os deuses
a deixar para trás
(somos nós, suas crias, prova disto).

Mas ao contrário dos deuses,
nossa casa mortal
(ossatura e memória)
não sabe deixar para trás
sem amar o que deixa.

3 girassóis

I

poesia: uma pausa
entre silêncio e outro
silêncio. vazio

II

o camaleão pintou-se
de sol para iluminar
os dias amenos

III

o meu viver é
um constante mudar
de estação

[legado]

foi poeta inda menino
no jogo de bila no meio da rua

já era poeta com oito anos
quando seu pai lhe deu um cachorro

poeta
ele foi com quinze anos
na primeira briga
primeira dose
em outras
primeiras vezes

já era poeta
quando o brasil perdeu a copa
quando foi pai
quando transou por amor
quando morreu

hoje
numa estante
crava seus últimos vinte anos

CASO DE JORNAL

a poesia morreu
deu nos jornais em 1918
críticos e legistas atestaram o óbito

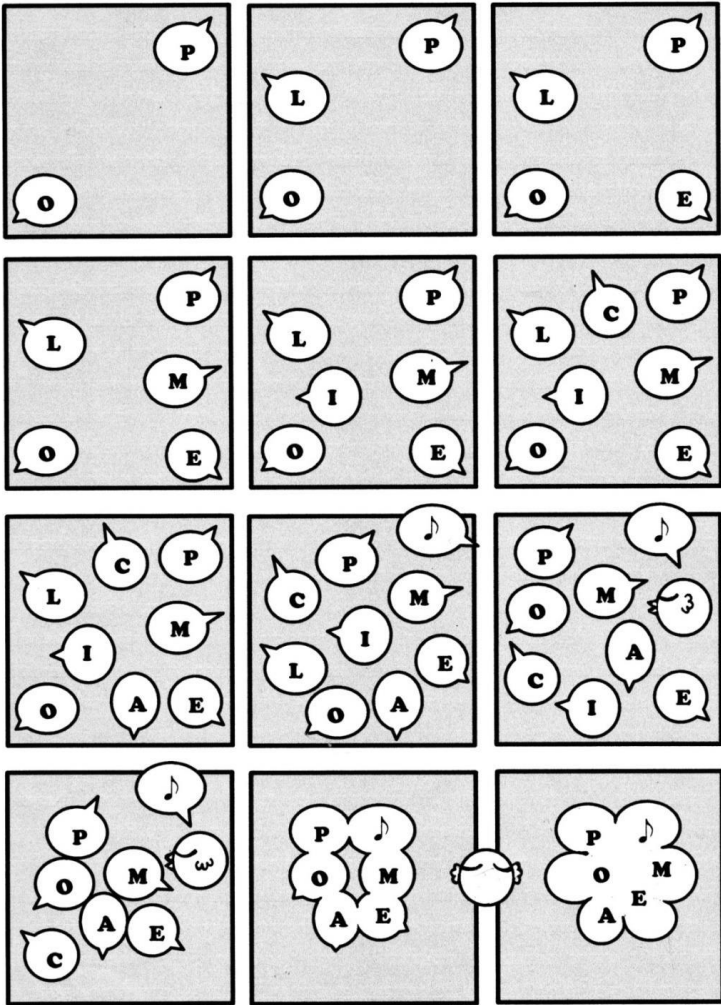
de lá pra cá muitos poetas
ainda de luto
publicam seus livros

confissão

ser poeta marginal
feito paulo leminsk
waly salomão
ou chacal

mimeografar blasfêmias
contra o consenso
contra as musas pudicas
contra os sapos enfunando os papos

de fora do eixo
vencer distraído
a luta contra o mal



Estranhamento

Mesmo colada em mim
Por vezes me estranho
Um susto do que não sou
Um cisco que me absurda
Um corpo que me reduz
Um olhar preso em distância.

Mesmo colada em mim
Por vezes me estranho
Um caminho que me furta
Um luar que me oculta
Um senão que me confunde
Uma palavra que cai morna.

Mesmo colada em mim
Por vezes me estranho
Um vazio do que não sinto
Um tempo que me aprisiona
Um andar que me sufoca
Um hoje que só me trai.

– amanhecer –

lá vou eu
para mais um dia
tentando entender o passar das horas
ou a esquecê-las
no café que engulo quente
queimando as horas para o atraso.

lá vou eu
mais uma vez
a vislumbrar o fim
ou a construí-lo
em cada triste obrigação comprida
para comprar o pão do outro dia
para molhar no café quente
a queimar as horas.

eu fujo dos passatempos
pois o tempo que passa em mim
não carece de ajuda

e, às vezes,

nos intervalos das horas a cumprir
escrevo versos compridos
para me sentir prolongado.

é cada última chance...

eis que chega o retrato automático das horas
e a foice da fome
estraçalha as portas da ironia

e é quando penso num pão molhado de café
de algum outro dia

e a gaveta come mais um poema entreaberto.

lá vou eu...

...quem me dera

[do livro *a desmedula da seta*, 2011]

A ERA DA DEFORMÁTICA

Falam por aí orgulhosamente
que estamos vivendo sob a quarta
 ou quinta ou décima revolução industrial
grande coisa
nunca saímos da primeira,
Mas hoje
a indústria cuida
 de produzir um Fim de Mundo
limpo, sustentável, ecológico –
 Muito bem acabado.

Não consigo me ouvir

*O mundo contemporâneo me engole
Suga a minha essência
Sou vazio
Deixo de ser presença*

Em meio ao excesso
Não me acesso
Onde estou?
Certamente, não estou presente em mim

Vejo-me nas imagens
E não me reconheço
Vejo-me no trabalho
Mas não me enxergo
Vejo-me no outro
E não sou eu mesma

O excesso está gritando
O vazio também
Não consigo me ouvir...

[das lápides]

uma de minhas quatro bisavós
virou nome de rua
por ter uma neta rica na cidade

um avô de quinta geração
morreu assassino
por ser contra o presidente da província
e seu nome sumiu de nossas certidões

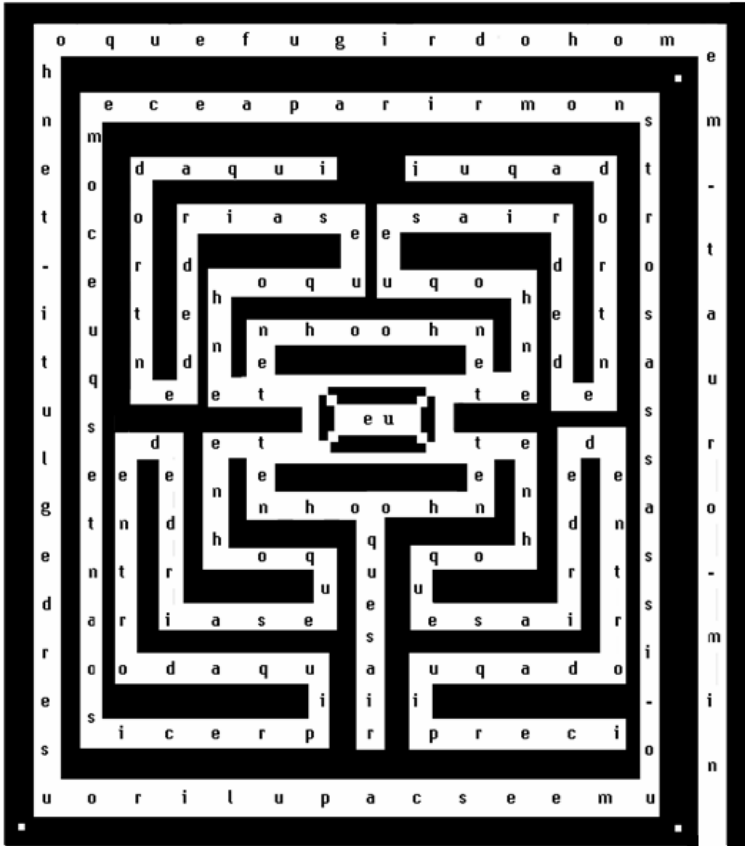
um outro bisavô
virou escola
já demolida há anos
(sobrou-lhe a experiência
de ter se deteriorado duas vezes)

[sem título]

*a mia senhor, que eu sei muit'amar,
punhei sempre do seu amor gaar*
joão airas de santiago

não se pedem cartas de amor
elas são escritas nas horas
vagas de solidão o mar
não cabe em minha janela
eu e você à vontade pela
beira-mar sob a lua nova

mas quem há de duvidar
o amor é dívida paga na
eternidade mas depois
que partires mia senhor
os dias irão se encurtar
e as noites sem luar irão
também fica a saudade
é uma dor que não paira
solta no mormaço do sertão



meus pedaços no labirinto

é possível tocar as asas de um anjo, como é possível dançar em um labirinto temível. também é possível alcançar as estrelas através do reflexo visionário. há como banhar-se da explosão e continuar firme. nem tudo que explode, se desfaz. eu, por exemplo, enxergo-me inteira apenas ao ver meus fragmentos - vivos e adormecidos - espalhados na refração da luz. prefiro ter pedaços do que deixá-los presos em um corpo. sou imortal de um jeito poético. então percebo que também é possível desmistificar a morte. sempre haverá pedaços de mim semeados neste firmamento. seja em forma de poema, seja no cheiro imbuído, seja na voz gravada ou no DNA de um novo ser - advindo de mim, de nós.

LADAINHA

A

no começo as palavras
nascem na várzea dos olhos.
as mãos não alcançam
os nascimentos, nem as bocas
falam as origens.

B

eu herdei o silêncio e adivinho
rumores, pesado é o enterro
e as cartas do mar. não
importa a identidade
dentro da noite, estou
acostumado aos entulhos.

C

quero as tardes quando
olhadas pelo rio, e sem
leme trafegar o azul. não
preciso de palavra quando
habito meu coração.

D

o que me comove
são esses ventos que
de tudo sabem o nome
e morrem em silêncio.

convulsão ancestral

je suis une femme
loba e uivosa
coração selvagem
mar vermelho
assanhada profana
a voz da revolução

filha cigana de Capitu
je suis a melancolia de Macabea
sou feita da matéria pujante
das feiticeiras
das bruxas
da boemia

mulheres cavalgam relâmpagos

a voz potente de uma mulher é um ato político
o orgasmo suscita descargas elétricas e acende lâmpadas
quando uma sereia canta o oceano inteiro goza
um poema carrega as dores de um útero
o desenvolvimento humano inicia-se em um útero
a chaga sagrada abriga o feitiço que pinga
força é uma palavra feminina

Divino

Procuro um poema
Que me vista a pele
E me desnude a alma
Um poema que me faça chorar
Diminuindo a dor
Que se propaga
Dentro de mim.

Procuro um poema
Que perdoe
As minhas culpas
E alivie os meus pesadelos.

Procuro um poema
Que sendo divino
Suporte o profano
Que habita dentro de mim.

JANEIRO-DAS-CLARIDADES

teus pés
 chão
como água
 nos passos
 vai

vai coração
vem milagre do sol-das-águas
vai mão
 pôr réstia
 no varal
 onde se acabou o amor

 vai homem-de-mar
vem soluço
 canto de janeiro-das-claridades
vai tudo quanto meu corpo aberto
 de mar e tempo
 entrega
vai mulher fruto-dos-azuis lavar de cor
 teus girassóis

dar teu filho
 ao fruto
 vai
que as aves chegarão novas no calor dos dias
 reacendendo
 a vida
 e o
verso

naufrágio

o suor de quem tu ama
é o teu nado favorito
então tu te afogas

Ocaso

Movimenta sua cruz sem nenhum ruído
Com sua retina quase úmida
Observa a cidade em seus tremores noturnos
Ouve em distância o badalar dos sinos
Que se apiedam dos que morrem
Apenas dos que morrem.

Caminha para seu esconderijo a céu aberto
A escolta da noite parece amparar sua dor
Há um tempo, o flagelo apodrece suas entranhas
Os gemidos são roucos
E não incomodam os vizinhos que dormem
Na fraca luz sua miséria se expande, sem testemunhas.

COM AS MESMAS PEDRAS NA MÃO

Aquelas gentes que acreditavam em deus
e em ódio

ao mesmo tempo

Estas que acreditam em deus

e em matar o próximo

ao mesmo tempo

Que se dizem contra o aborto e a favor

da pena de morte,

Essas gentes do antigo testamento

Tão antigas,

estão de novo com as mesmas pedras na mão.

[sobre o último dia D]

benjamim naquele setembro de 45

[aos 15]

preocupava-se somente

com o que se daria

da venda da safra da roça daquele inverno

não sabia quando sairia de casa

se iria chover no outro ano

nem mesmo

que iria ao rio de janeiro cinco anos depois

de relance deve ter ouvido

sobre o fim da tal da guerra

coisa que nunca o impediu

de planejar a plantação do outro ano

[que já chegava]

ausência

no quintal do meu avô
tinha um pé de cajá
onde eu queria morar

não adianta fugir da grande solidão
nem do indizível silêncio
aonde vamos
é sempre ontem

– pelas luzes do pé de carambola –

o menino rebolava latas
pelas luzes do pé de carambola

as latas viravam borboletas de marcas
do outro lado da calçada

o menino sabia voar com as asas de lata

as borboletas se alimentavam de sol
e salpicavam luzes no tempo caraquento

o tempo esperava o menino crescer...

queria não!

queria mesmo ficar pequenininho
mas perto das coisas do chão
e do céu

queria ser menino mesmo

menino...

e saber voar com asas de lata

[do livro *o silêncio possível*, 2017]

Dois em um

Estávamos os dois
Guardados de mundo
Sofríamos de intimidades
No casulo
Éramos borboletas

Ele quis desatar meus segredos
Quebrar silêncios
Promover tempestades
Aproximar de nós
Mundos outros

Respondi em sussurros
Acordando do êxtase
Deixe-nos em paz!

Ser marginal

A poesia é marginal por natureza
Sou poeta
Vivo à margem da sociedade
(R)existo em mim.

Além-do-homem

A poesia é simples
Viva
Não necessita de eruditismo
Tampouco métrica, ordem, estética
O seu elemento basilar
É a própria existência
Com diversas formas de ser e estar no mundo

Além do palpável
Do superficial e do imagético
A poesia está no âmago que agita
No riso que faz doer a barriga
Na dor que sufoca o peito
Na injustiça que faz ranger os dentes
Na liberdade que prende e faz voar

Além do bem e do mal
Além dos dogmas e das certezas
Além dos conceitos
Além dos preceitos
Além dos preconceitos
Além-do-homem
Além...

A poesia está em tudo
Até mesmo no nada.

**[lenda do mosquito
e da lâmpada]**

inquieto ficou o mosquito
por não entender
aquele tronco de concreto
embutido chão adentro
que nunca mudava de cor
muito menos criava folhas

mariposas ficaram tristes
supunham o tronco como defunto

noutro dia
no alto do tronco de concreto sem folhas
nasce uma estrela

daí então virou modinha
[que dura até hoje]
namorar aquela estrela à noite

– da cozinha do monte triste –

para vó mariinha

rapaduras e moscas aos pedaços
velha faca enterrada na imensa mesa
água sangrenta nos potes de barro
casa de taipa e cacos de telha

lembranças luas tamanhas mariposas
longe açude secando desgosto
a morte eterna das coisas
nos meus taciturnos olhos de moço

um pé de jatobá desfaz farinha
um cachorro que grita nomes
uma mulher a esquecer que sonha

vidas perdidas, velhas meninas
monte de imagens tristes e insones
de minha vó tão frágil e tão medonha

[do livro *palavra russas*, 2011]

CANÇÃO DO REGRESSO

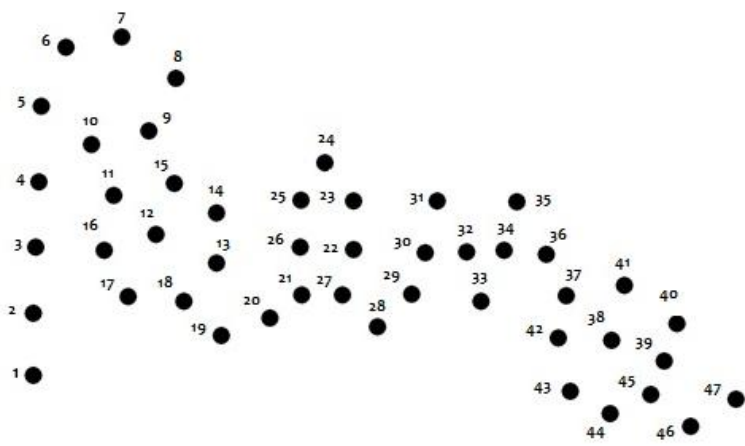
uma só canção de amor,
e tudo basta. faz chover
na mão de orvalho dos
sonhadores. a verdade
se elucida, quando
pela janela, antigas
amantes ruminam
canções de belchior.
do mar herdei os ventos
sem lar. minha casa
é o tumulto do mundo.

uma só canção de amor
alagada de orquídeas,
nascida sem ardor
dos condenados. com ela
eu posso dizer o nome
dos meus pesadelos, deitar
a roupa na saliva
dos ruminantes.

eu não tenho canções
para jogar no lixo. tudo
está em mim oferecido.
o mar é um mármore
líquido de despedidas.
uma só canção de amor
e uma onda, para ofertar
a quem me devolva
a mim mesmo.

Demasiado humano

Às vezes sinto o meu corpo estremecer em meio à dor que carrego no peito. Sinto-me frágil e tão humana. A dor revela o quanto sou mortal, o quanto sou "normal", e o quanto sou real. Existo, resisto. Olho de longe para dentro. Vejo-me e choro. Choro de tristeza, choro de alegria. Por sem quem eu sou, por ter vivido o que vivi. Subo as escadas da minha existência e em alguns momentos desço. Olho para o passado e sinto falta de estar ali embaixo. Não posso voltar. Não posso parar. Tenho de sair de mim. Tenho de produzir. Não posso ser eu o tempo todo. Dói ser eu e dói mais ainda me obrigar a não ser. Penso, sinto, logo existo. Dou sentido. E finalmente, aceito o que sou: humano, demasiado humano.



Experiência estética

A arte tem o poder
De nos fazer voar
Para aterrissar dentro de nós.

O BERÇÁRIO

Ai as criancinhas
dormindo de inocência
nesses bercinhos róseos:

Que coisas terríveis elas irão fazer!

DESPACHOS

I. DESPACHO EDITORIAL

Caro poeta:

1.
Consideramos a obra proposta deficiente
(mesmo escassa)
na construção discursiva da felicidade,
o que, por óbvio, impossibilita sua publicação.

2.
Vossa obra proposta não se enquadra
em nossa coleção (a ser em breve lançada):
Você está na lista Vip de Deus.
A ausência da presença (de Deus) reduz sensivelmente
a margem de vendas.
(Vide estatísticas em anexo.)

3.
Aproveitamos vosso contato para informá-lo que
já se encontra à venda o nosso bestseller:
Dez passos para ser um poeta foda.

(Siga-nos nas redes sociais.

Sem mais para o momento.)

II. DESPACHO PO-ÉTICO

1. Foda é a felicidade.

Para *ser* é preciso *haver* – consumação-in-ato.

2. Deus é vendável.

(O substantivo e o verbo:

a tarja para não ver e a vendição

por quaisquer trinta dinheiros.

Quem não vê?).

3. Poesia começa no primeiro passo depois do mapa.

(*O explorador avança sempre à frente do cartógrafo,
na cabeça da expedição, abrindo caminho.*)*

(Siga a poesia!

Que ela bem haja

— imprevista,

incartografada,

nômade —

no tempo desse momento

em que a vida um pouco espera.

[* Javier Cercas, *El punto ciego*]

percursos

- ALAN MENDONÇA
[p. 15; 23; 43; 54; 66; 85; 90]
- ALVES DE AQUINO
[p. 09; 28; 38; 40; 64; 73; 93]
- BRUNO PAULINO
[p. 16; 25; 44; 48;52; 55; 63; 84]
- CARLOS NÓBREGA
[p. 18; 37; 45; 56; 68; 82; 95]
- DAUANA VALE
[p. 22; 32; 57]
- DÉRCIO BRAÚNA
[p. 10; 27; 39; 59; 70; 79; 96]
- LÉO PRUDÊNCIO
[p. 19; 34; 47; 53; 60; 72]
- MAILSON FURTADO
[p. 20; 26; 46; 61; 71; 83; 89]
- RENATO PESSOA
[p. 12; 17; 29; 49; 62; 75; 91]
- ROSA MORENA
[p. 11; 35; 41; 65; 78; 81; 86]
- VITÓRIA ANDRADE
[p. 13; 36; 50; 74; 76; 77; 80]
- YASMIN MAIA
[p. 21; 42; 69; 87; 88; 92; 94]

aproximações a:



■ **ALAN MENDONÇA** é escritor, letrista, dramaturgo, arte-educador, editor e produtor cultural. foi, por diversas vezes, diretor artístico de discos, espetáculos, feiras, mostras, encontros e festivais. graduado em letras e mestre em linguística aplicada pela uece, é especialista em arte e educação pelo ifce e gestor cultural pela ufc. coordenou o café literário na xii bienal internacional do livro do ceará. entre os anos de 2017 e 2019, exerceu as funções de coordenador do fllec (fórum de literatura, livro, leitura e biblioteca do estado do ceará) e de conselheiro de literatura no conselho de políticas culturais do estado do ceará. publicou *varandas* (poesias, 2004), *[des]caminhos da arte-educação* (artigos, 2006, org.), *angústias, álcool e cheiro de cigarro* (poesias, 2006), *a desmedula da seta* (poesias, 2011), *palavra russas* (vários, 2011, org.), *de peixes e aquários* (poesias, 2015), *o silêncio possível* (poesia, 2017), *o cinema dos fósseis* (poesia, 2018), *cinco inscrições da mortalidade* (poesia, 2018, org), *resistências escritas* (vários, 2019, co-autor), e *flor de resistência* (vários, 2020, org). lançou o cd *enquanto a cidade dorme* (músicas, 2007), o cd *coração cinzeiro* (poesias, 2008), o cd *mesmo que seja tarde* (músicas, 2015) e o cd *do tempo faltando um pedaço* (músicas, 2015), além de participar de várias antologias literárias e musicais. no universo da dramaturgia, é autor de 11 espetáculos, entre eles: *as luzes* (2000); *o auto da repartição das almas* (2004); *os decretos do rei* (2005); *a casa das mulheres da lua* (2006); *fábula* (2010); *movelaria* (2018); e autor de trilhas sonoras dos espetáculos *a selva e o mar* (2005); *tudo que eu queria te dizer* (2009); *joão de arribação* (2010); e *cantos de porões e alforrias* (2012). atualmente, está produzindo a escrita e a edição de um novo livro: *biografia geral da rua única* (poesia) e preparando o início das gravações do cd *ao tempo de um compositor*, com músicas assinadas com vários parceiros e interpretadas por daniel sombra e marco leonel fukuda e do cd *cinema carruagem*, com músicas de sua

parceria com rogerio franco e interpretadas por rodger rogerio e teti, do pessoal do ceará, além de estar escrevendo a peça *o boi mansinho e a santa cruz do deserto* para o grupo clariô, da cidade de são paulo.



■ **ALVES DE AQUINO** é poeta, filósofo, professor. Publicou as obras: *Memorial Bárbara de Alencar & Outros poemas* (poesia, 2008, segunda edição em 2011); *Concerto nº Único em mim maior para palavra e orquestra. Poema* (poesia, 2010); *Miravilha: líriai o campo dos olhos* (poesia, 2015); *Girândola* (poesia, 2015); *E5pelhos* (poesia, 2016, com os poetas Carlos Nóbrega, Frederico Régis, Jorge Furtado e Lúcio Cleto); *acidade* (poesia, 2016, com o poeta Carlos Nóbrega). É organizador do *Mutirão*, livreto-revista compósito (poesia, prosa, desenho, fotografia), cujas edições 1, 2 e 3 saíram, respectivamente, em 2014, 2016, 2017. Em 2010, participa como pesquisador de *O cravo roxo do diabo: o conto fantástico no Ceará* (org. Pedro Salgueiro).



■ **BRUNO PAULINO** é natural de Quixeramobim-CE, gradado em Letras/Português pela Faculdade Universidade Estadual do Ceará-UECE (FECLESC). É professor da rede pública de ensino. É autor dos livros de crônicas *A menina da chuva*; *Lá nas Marinheiras*; de contos, *Pequenos assombros*; do estudo

(perfis literários) *Sertão: poetas e prosadores*. Organizou a antologia *Cordéis de histórias*. É membro das instituições literárias Academia Quixadaense de Letras e Academia Quixeramobinense de Letras, Ciências e Artes.



■ **CARLOS NÓBREGA** [Fortaleza-CE, 1955] – é autor das obras, todas de poesia: *A sono solto* (1990); *Outros poemas* (1993); *Breviário* (2003); *Árvore de manivelas* (2007); *O quanto sou* (2009); *8verbetes* (2010); *Canto aceso* (2015); *E5pelhos* (2016, edição conjunta com Frederico Régis, Jorge Furtado, Lúcio Cleto e O Poeta de Meia-Tigela); *Acidade* (2016, com O Poeta de Meia-Tigela); *O verbo desolado* (2019).



■ **DAUANA VALE** é escritora, psicóloga, mestre em Psicologia e pesquisadora. Possui contos nas coletâneas *Farol* (Moinhos, 2017), *Quase Nome* (Labrador, 2018) e *Limiar* (Chiado, 2019). Foi premiada pelo Mais Paic (2018) com o juvenil *Quinamuiú*. É coautora da coletânea de contos *O castiçal, a escrivadinha, a cadeira e o rascunho*, premiada pelo Ministério da Cultura (2018). Professora do curso de Pós-graduação em Escrita Literária no FBUni. Membro do LAEPCUS – Laboratório de estudos sobre psicanálise, cultura e subjetividade, no Programa de Pós-graduação/UNIFOR. Se dedica ao estudo da narrativa para crianças e

jovens, de onde surgiu seu atual trabalho de pesquisa e de incentivo à leitura compartilhada em família: Entrelinhas - literatura e afetividade.



■ **DÉRCIO BRAÚNA** é cearense, bancário, historiador (mestre e doutorando em história social / UFC), com estudos sobre as relações entre história e literatura. É autor das obras poéticas: *O pensador do jardim dos ossos* [2005]; *A selvagem língua do coração das coisas* [2006]; *Metal sem húmus* [2008]; *Aridez lavrada pela carne disto* [2015]; *Escrevivências: livro de vidas imaginografadas* [2017 / com o fotógrafo Joel Neto]; *Como cavalos fatigados abrindo um mar* [2017]; *Esta solidão aberta que trago no punho* [2019]; da reunião de contos *Como um cão que sonha a noite só* [2010]; e ainda dos estudos *Uma nação entre dois mundos* [2008]; *Nyumba-Kaya: Mia Couto e a delicada escrevivência da nação moçambicana* [2014]; e *A assombração da história: história, literatura e pensamento pós-colonial* [2015]. Participa nas coletâneas poéticas *Cinco inscrições da mortalidade* [2018]; *Resistências escritas* [2019] e *Flor de resistência* [2020].



■ **LÉO PRUDÊNCIO** é paulistano de sobral/ce, tem quatro livros publicados, a saber: *baladas para violão de cinco cordas*; *azuleiros: haicais*; *girassóis maduros* e *curral de peixes*. cursou letras na universidade estadual vale do acaraú e atualmente é aluno do mestrado em literatura e crítica literária pela pontifícia universidade católica de goiás.



■ **MAILSON FURTADO** – Cearense. É autor, dentre outras obras, de *À cidade*, obra independente vencedora do 60º Prêmio Jabuti 2018 - categoria Poesia e livro do Ano. Em Varjota|CE, cidade onde sempre viveu, fundou a CIA teatral Criando Arte, em atividades desde 2006, onde realiza atividades de ator, diretor e dramaturgo, além de produtor cultural da Casa de Arte CriAr. Graduado em Odontologia pela Universidade Federal do Ceará, possui obras publicadas em jornais, revistas e antologias no Brasil e Portugal e mais de 10 textos encenados no teatro.



■ **RENATO PESSOA** é escritor e crítico literário. Estudou filosofia na Faculdade Católica de Fortaleza e na Universidade Estadual do Ceará – UECE. Publicou, em 2011, *O Corpo Arcaico*. Em 2012, publicou *Solidão Singular*. Em 2014 organizou o livro *Retratos De Abismo E Outros Voos – Antologia De Poetas Cearenses Contemporâneos*. Em 2016 publicou *A Paisagem Da Febre*. Em 2017, publicou *O Homem do Último dia do Mundo*. Em 2018, participa do livro *Cinco Inscrições da Mortalidade*. Em 2019, participou do livro *Resistências Escritas*. É um dos criadores do *Sarau O Corpo-Sem-Órgãos*. É um dos idealizadores da *Escola Popular de Filosofia*.



■ **ROSA MORENA** nasceu em Itapipoca (CE). cursou Pedagogia. Em 2014, foi premiada com o livro *Jaci, a filha da Lua* no *Edital Paic, Prosa e Poesia*. Em 2015, lançou *Movimentos Intransitivo*. Recebeu Menção Honrosa em dois certames: no *XVIII Prêmio Estadual Ideal Clube* (2015) e no *Prêmio Carlos Drummond de Andrade*, Brasília (2017). Em 2018, Lançou o livro *Micropoemas* e teve o livro *Pedro, o menino do mar*, selecionado no *Edital MaisPaic*. Em 2016 e 2018, foi selecionada no *Concurso de Poemas no Ônibus e no Trem da cidade de Porto Alegre-RS*. Em 2019 recebeu o 1º lugar no *XXI Prêmio Ideal Clube de Literatura - Prêmio José Telles*, gênero conto. Ainda em 2019, foi selecionada no *Prêmio de Literatura da Universidade de Fortaleza* (UNIFOR), com o conto *A terceira morte*, e lançou *A menina e a garça*.



■ **VITÓRIA ANDRADE** - Je suis une femme. Uma moça latino-americana. Nasci e fui criada em Fortaleza. Sou Filha do Nordeste e feita da matéria feroz de poesia. Feminista e dona de um útero. Fui sentir os ventos gélidos no Canadá para, hoje, ser apaixonada pela língua francesa. Desde criança, alimento-me de arte e tenho a escrita como um combustível para o que vem do âmago e para os dias lamuriosos. Dom Casmurro foi o primeiro livro que li, ainda na infância - sou ancestral de Capitu e pesquisadora de olhares, mergulho

nas curvas dos poemas que chamam-me e acolhem-me. Escrevo com fagulhas em cada partícula do meu ser e propago nos ouvidos de quem nasceu com a arte no coração. Escrevo por dentro para depois expelir. Abraço a escrita com as asas de todos os rouxinóis. Não caibo em uma biografia. Não caibo neste universo. Danço comigo e com as vozes das primeiras poetas que nasceram. Escrevo.



■ **YASMIN MAIA** - nasci em 28 de maio de 1996, resido na cidade de Fortaleza-CE e sou estudante de Psicologia. Filha de uma mãe artista, cresci frequentando peças teatrais, exposições de arte, eventos culturais e também escutando música popular brasileira. Considero-me uma amante de todos os tipos de arte, sendo muito atravessada pela literatura, a música e o cinema. No entanto, encontrei na escrita uma maneira de sobreviver e, conseqüentemente, viver intensamente sendo quem sou. Frente aos excessos da contemporaneidade, a escrita, para mim, se transforma numa forma de resistência. Existir se torna resistir a todos esses padrões estabelecidos que visam a anular e enjaular os sujeitos. Escrever então é como respirar. Estar vivo. Ser de carne e osso. Humano, demasiado humano. Imperfeito. Apaixonado. Com fome de Ser.

ISBN: Individualmente Somos Bastante Nós



POESIA LIVRE